

## CONCLUSÃO

### “À ESPERA DOS BÁRBAROS”<sup>49</sup>

Ao incluir o relato do 11 de Setembro como narrativa de uma *situação-limite*, resgatamos uma função fundamental da notícia no mundo contemporâneo: a que procura dar “sentido” para fatos que entram na categoria de *acontecimento*, como os atentados terroristas, e que, portanto, invertem a ordem vigente. Mas, vimos também que, para fazer este ordenamento, os jornalistas recorrem a algumas categorias do imaginário onde repousam as velhas questões de sempre.

No caso do ataque aos EUA, a nação que organiza o mundo globalizado, o que a mídia colocou em evidência não foi somente a fragilidade do país mais poderoso do mundo, mas também os descaminhos de uma civilização e a reavaliação de toda uma trajetória histórica. Por isso, é compreensível que os jornais tenham representado a investida contra os prédios de Nova York como o “fim do mundo”. O que não deixa de ter sido surpreendente, porém, é que esta expressão foi perfeitamente compreendida e admitida pelo público que acompanhou as informações pela imprensa. Como foi lembrado por vários analistas, que viram na forma como aconteceram os atentados uma cena já bastante explorada pelo cinema norte-americano, a queda das duas torres aconteceu como um evento, de certa forma, já esperado. O filósofo Slavoj Žižek lembrou que algumas cenas dos ataques foram associadas às de filmes como *Fuga de Nova York* não por causa da ameaça dos ataques constantemente lembrados pela mídia, mas porque o que havia acontecido era fruto de uma “representação

---

<sup>49</sup> Como citamos na epígrafe, este é o título do poema de Konstantinos Kaváfis que nos inspirou nesta pesquisa.

libidinal, e, assim, de certa forma, os Estados Unidos haviam transformado em realidade as suas fantasias, e esta foi a grande surpresa” (ZIZEK, 2003, p.30).

O arquiteto italiano Paolo Portoghesi chegou a afirmar que é como se a arquitetura daqueles arranha-céus pedisse uma destruição do tipo que ocorreu. Ele disse na entrevista concedida a Maurício Dias, publicada na *Folha de São Paulo*, na edição de 9 de dezembro de 2001:

Não tenho dúvida que toda cultura norte-americana, nos últimos anos, estava cheia de prefigurações do que aconteceu em 11 de Setembro. E não só nos filmes de ficção científica e de catástrofe, mas também na própria arquitetura e nas letras das canções. De algum modo, o que ocorreu estava alojado no inconsciente da América (p. 6).

Mas, quando, efetivamente, o assim esperado momento ocorreu de fato, a reação foi de incredulidade. Como vimos, uma atitude similar ocorre com personagens e situações que fazem parte do enredo de algumas narrativas antigas, em que o protagonista vai pedir informação ao oráculo já sabendo o que pode acontecer, embora, quando vê as previsões se realizarem, a sua reação é sempre de surpresa. Recordamos o exemplo de Édipo que, ao final do drama de Sófocles, fica perplexo com a confirmação do pastor de que não somente ele não era filho de Políbio e Mérope, mas que também matou o seu verdadeiro pai, Laio, e casou com a sua mãe biológica, Jocasta.

Foi, portanto, com surpresa que o mundo recebeu uma notícia que, de certa forma, já estava esperando. Esta característica de *espanto*, como sustenta Jolles (1976), é um dos atributos do mito. Um *espanto*, porém, diante de algo já conhecido. Na concepção de Eliade (2002), o mito tem por função lembrar algumas questões que sempre estão presentes, mas que os homens se esquecem ou fingem esquecer, por exemplo, a respeito da “origem” e do “destino” das coisas. Ora, isso lembra também a advertência com a qual Heródoto abre as suas *Histórias* (“para impedir que o que fizeram os homens, com o tempo, se apague”).

Ao formular a questão “o que revelam os mitos”, Eliade (2002, p.15) propõe uma espécie de síntese de toda a sua reflexão para entender o mito como um fenômeno inerente à condição humana. Para o estudioso romeno, nos paradigmas dos mitos arcaicos mesmo que não se consiga entender de onde o *Mundo* veio, não se pode deixar de intuir que ele teve um “começo” e que para “lá” deve voltar a fim de ser “criado” novamente; ou melhor: que, para continuar a existir, é necessário que o *Mundo* mergulhe no *caos*.

Foi por esta via do *caos* que os atentados terroristas lembraram que o atual “mundo” tem um “fim”, ou seja, que ele precisa se renovar para que possa continuar a existir. Pensar no *fim* como uma maneira de renovação nunca deixará de surpreender e causar angústia, sobretudo quando o que está em jogo são as próprias noções de civilização e cultura acumuladas ao longo de tanto tempo. Mas, não será, exatamente estas concepções que chegaram ao seu limite e que, por isso, devem ser (re)criadas?

Por entender a notícia como um artefato que serve a este tipo de reflexão, encontramos no relato do 11 de Setembro uma boa ocasião para refletir a respeito das *situações-limites* do tempo contemporâneo. Por meio da *agonia* do jornalismo, tentando encontrar “sentido” para os atentados que Zizek (2003, p. 24) considerou como a manifestação do “Grande Outro”, pensamos na “crise da representação” deste tempo histórico que alguns gostam de chamar “pós-moderno”. De fato, neste tempo, a representação do Outro, como no século de Heródoto, chegou a um impasse que somos desafiados a inventar novas bases para dialogar com os “bárbaros”, aqueles que batem à nossa porta, como no poema de Konstantinos Kaváfis (“*O que esperamos no ágora reunidos? / É que os bárbaros chegam hoje*”) Mas, o poema pergunta: “*Por que subitamente esta inquietude? / Por que tão rápido a ruas se esvaziam / e todos voltam para casa preocupados?*”. Em outras palavras, indaga: será que estes “bárbaros” existem mesmo ou são a “solução” (“*sem os bárbaros o que será de nós?*”) que encontramos para não reconhecer que eles são apenas nosso espelho, nós mesmos?

Será que não somos como Heródoto, este – lembrou Hartog (1999) – que olha o outro (os não-gregos) como a outra parte de si mesmo?

Não foi sem razão que escolhemos uma narrativa – o *Enûma elish* – que é um dos registros mais eloqüentes do passado de um lugar que Kramer (1980) e outros estudiosos da Antiguidade acreditam ter sido o “berço da civilização”. Voltar a esta “origem”, tentar entendê-la novamente, dar crédito às suas “façanhas” talvez seja um gesto de sabedoria, até porque, lá, onde nasceu, cresceu e morreu a antiga Mesopotâmia, o equivalente ao atual Iraque e Irã, é o lugar ao qual mais imediatamente associamos a figura do “bárbaro” a quem já aguardamos a chegada, ainda para lembrar os versos de Kaváfis (“*Por que tanta apatia no Senado? Os senadores não legislam mais? É que os bárbaros chegam hoje*”).

Outro gesto de sabedoria é não esquecer o que o enredo das narrativas antigas lembram: que tudo nasce, cresce e morre. Por isso a comparação com relatos arcaicos ofereceu condições para recolocar o *eterno retorno* dentro de um tipo de discurso, como o jornalístico, tipicamente pós-moderno, que acredita ser alimentado pela novidade e mudanças constantes. Na verdade, como disse Zizek (2003), ao escrever uma história como a do *11 de Setembro*, o homem volta a ser homem, ou seja, a sentir as emoções mais básicas: o medo da morte e a irresistível atração pelo sentido da vida. Quem, ao ver as cenas das torres em chamas e as pessoas desesperadas jogando-se do alto para não morrerem queimadas, não sentiu um calafrio na espinha dorsal?

Ora, a função do mito não é outra senão lembrar que o *espanto* continua existindo pelo simples fato de as coisas continuarem a nascer e a morrer. É neste sentido que o relato dramático de uma *situação-limite* do nosso tempo, como o que foi feito pelos jornais para (re)apresentar os atentados ocorridos nos EUA, acabou por lembrar o homem contemporâneo da sua própria finitude ou da finitude das suas obras. Como o *fim* está aquém ou além do que

se possa averiguar factualmente, bem lembrado por Adriano Duarte Rodrigues (1993), o jornalismo, sempre que existir, vai precisar do mito para construir suas narrativas.

Por fim, é sempre prudente ter em mente a lição de Édipo: o *espanto* com o Outro pode ser uma boa maneira de perguntar-se sobre si mesmo, sobre suas origens. Assim, talvez, fique mais simples aceitar que “*já é noite*” e “*os bárbaros não vêm*” (Kaváfis).

## BIBLIOGRAFIA

AITH, Márcio. Bin Laden se vangloria de ataque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 dez. 2001. Folha Mundo, p. A-13 e A-14.

\_\_\_\_\_. Cabul e Canudos evocam luta do bem contra o mal. *Folha de São Paulo*, 11 out. 2001, Caderno Mundo, p. A-26.

ALVES, Márcio M. Poderíamos estar no meio do fim do mundo. *O Globo*, 11 set.2001, Caderno Especial, p. 22.

ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARROS FILHO, Clóvis. *Ética na comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 1995.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

\_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BASTIDE, Roger (coord.). *Usos e sentidos do termo "estrutura" nas ciências humanas e sociais*. Tradução de Maria Heloisa Schabs. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1971.

BAUDRILLARD, Jean. O outro lado da matéria prima da dor. *Folha de São Paulo*, 2 nov. 2003, Caderno Mais, p. 3.

\_\_\_\_\_. *Power inferno*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

BIAGGIO, Jaime. Cinema antecipou visão da tragédia: filmes americanos relataram na tela as cenas a que o mundo assistiu ontem nos telejornais. *O Globo*, 12 set. 2001, Caderno Especial, p. 22.

BOUZAN, Emanuel. Ouso do transe extático no processo da adivinhação babilônica. In: *Clássicas*, v. 4. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 35-49.

BOTTERO, Jean. Adivinhação e espírito científico na Mesopotâmia. In: *Clássica*, v.4. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 25-33.

BRANDÃO, Junito. *Mitologia Grega*. vol. II. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRANDÃO, Jacyntho José Lins. *Antiga Musa: (arqueologia da ficção)*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind. [et al.] Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000.

CHARAUDEU, Patrik; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiano Komeju. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Texto, textualidade e textualização*. In: CECCANTI, J.L. Tápias; PEREIRA, F.; ZACHETTA, Juvenal. *Pedagogia cidadã. Cadernos de Formação: Língua Portuguesa*, v.1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004, p. 113-128.

DODDS, E. R. *Os gregos e o irracional*. Tradução de Leonor Santos B. de Carvalho. Lisboa: Gradiva, 1988.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de Renée Eve Levié. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

\_\_\_\_\_. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução de Helder Godinho. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução de Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Mito do eterno retorno*. Tradução de José Ceschin. São Paulo: Mercury, 1992.

\_\_\_\_\_. *O conhecimento sagrado de todas as eras*. Tradução de Luiz L. Gomes. São Paulo: Mercury, 1995.

\_\_\_\_\_. *Tratado de História das Religiões*. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins, 1998.

\_\_\_\_\_. *Mito e Realidade*. Tradução de Polo Civelli. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Sagrado e o profano*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, [19\_\_?].

ELIA, Sílvio. *Dicionário Português*. In: Globo Dicionário Gramatical. Porto Alegre: Globo, 1962.

ERBOLATO, Mario. *Técnica de Codificação em Jornalismo*. 5ª edição. São Paulo: Ática, 2003.

FERREIRA JÚNIOR, José. *Capas de Jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual*. São Paulo: Ed. Senac, 2003.

FINGERMANN, Dominique. *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FRIAS FILHO, Octávio. O olhar do mundo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *Primeira-página 1925-1985: Folha de São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 1985, p. 7.

FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva. São Paulo: Cultrix, 1989.

GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa, 1977.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacynto Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HERODOTO. *Histórias*. Tradução, introdução e notas de Mario da Gama Cury. Brasília: Editora Unb, 1988.

IONS, Verônica. *História Ilustrada da Mitologia*. Tradução de Paulo Donizete Siepierski. São Paulo: Editora Monole Ltda, 1999.

JOLLES, André. *Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas*. Seleção, estudo crítico, notas e tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

KIRKI, G. S., RAVEN, J. E. *Os filósofos pré-socráticos*. Tradução de Carlos Alberto Fonseca, Beatriz Barbosa, Maria Adelaide Pegaso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

KITTO, H. D. F.. *A Tragédia Grega*. Tradução de José Manuel Coutinho. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1972.

KRAMER, Samuel Noah. *Mesopotâmia: o berço da civilização*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1980.

KRÜGER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos chaves da análise do discurso*. Tradução de Márcio Venâncio Barbosa, Maria Emília Amarante. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.

MARTÍ, Octavi. Filósofo alertou sobre atentado em 1993. In: *Um novo tipo de Hiroshima*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 de setembro, 2001, Caderno Especial, p. 8.

MELLO E SILVA, Mírian Chrystus de. *À sombra de Heródoto: a linhagem narrativa das matérias edificantes do Jornal Nacional*. 2002. 151 f. Dissertação de mestrado, (Comunicação e Sociabilidade Contemporânea). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MORAES, Ary. Quando a página vira pôster. In: *Revista Imprensa São Paulo*, p. 82-84, Setembro 2002.

MORAIS, Cynthia. *Maravilhas do mundo antigo: Heródoto, Pai da História?*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Para uma antropologia da notícia. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, vol. XXV. nº 2, p. 11-41, julho/dezembro, 2002

MOUILLAUD, Maurice. *O Jornal: da forma ao sentido*. Sérgio Dayerll Porto (org). Tradução de Sérgio Grossi Porto. Brasília: Parelelo, 15, 1997.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 4ª ed. - São Paulo: Contexto, 2003.

PAYEN, Pascal. *Les iles nomades*. Paris: Éditions d'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1997.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Português-Grego, Grego-Português*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

PERELMAN, Chaim. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIRES, Juliano. *Uma guerra periódica: estratégias discursivas na construção da informação sobre o conflito no Iraque*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O Acontecimento. In: TARQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: questões, teorias, "estórias"*. Lisboa: Veja. 1993, p. 27-31.

ROHDEN, Cleide Scartelli. *A Camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM Edições, 1988.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SODRÉ, Muniz. *Reiventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. São Paulo: Vozes, 1996.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. In: Trilogia Tebana. Tradução, introdução e notas: Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltd, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. *O Rosto do mundo*. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). Primeira-página 1925-1985. *Folha de São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 1985, p. 13-15.

SIMPSON, John. O refúgio de Osama Bin Laden. *O Globo*, de set. 2001, Caderno Especial, p. 8.

SUZUKI JR., Matinas A Maquiagem do Mundo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *Primeira-página 1925-1985: Folha de São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 1985, p. 9-11.

TÁVOLA, Artur da. *Comunicação é Mito: televisão em leitura crítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

TODOROV, Tzvetan. *As Categorias da Narrativa Literária*. In. *Análise Estrutural da Narrativa*. 3ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1973, p. 209-259.

VERNANT, J. P. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. VIDAL-NAQUET, J. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. Tradução de Anna Lia Prado, Maria da Conceição Cavalcante e Filomena Hirato Garcia. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

WAINBERG, Jacques. *Mídia e Terror: comunicação, violência e política*. São Paulo: Paulus, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

XEXÉO, Artur. Fim do Mundo. *O Globo*, Rio de Janeiro 12 set. 2001. Caderno Especial, p. 22.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do Real: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas*. Tradução de Paulo Cezar Castanheiro. São Paulo: Boitempo, 2003.